Capítulo XV — Fé do bom Ladrão

> **Sumário.** Magnificências da conversão do lado do homem. — Magnificência da fé do bom Ladrão. — Mais viva do que a dos Patriarcas, dos Profetas e dos Apóstolos. — Passagem de são Crisóstomo e de santo Agostinho. — Mais forte. — Texto de são Crisóstomo e de santo Agostinho. A maior que se viu no mundo. — Palavras de santo Agostinho.

Se a conversão de Dimas é magnífica do lado de Deus, não o é menos do lado do homem. Para converter um pecador não basta que a graça lhe fale ao coração. É preciso que o coração se abra às influências da graça e se abandone à sua ação salutar. É preciso que a cooperação do homem esteja em proporção com a grandeza da misericórdia que o solicita. Tal foi a do bom Ladrão.

A graça incomparável que acabava de entrar em seu coração exigia dele uma fé heroica, uma esperança heroica, uma caridade heroica. Contemplemos essas três virtudes que, como três sóis, iluminam de repente a alma de Dimas, a transfiguram e, com seus raios, dissipam as negras trevas de que o Calvário está envolto.

O primeiro diamante que brilha na fronte da Igreja católica é a fé. Em torno dessa joia se colocam todas as pedras preciosas que compõem a imortal coroa da esposa do Verbo encarnado.[1] O que se dá com a Igreja dá-se com cada um de seus filhos. A fé começa a nossa vida sobrenatural. Ora, a fé consiste em crer o que não se vê: *«hum argumento das cousas que não aparecem»*, *argumentum non apparentium*.

Quanto mais as verdades a crer estão elevadas acima da razão, quanto mais espessos são os véus que as cobrem, tanto mais forte deve ser a fé e penetrante o seu olhar. Transportemo-nos ao tempo, ao lugar, às circunstâncias em que se achava Nosso Senhor, e vejamos qual devia ser, para reconhecê-lo como Deus, a força da fé do bom Ladrão e a penetração de seu olhar.

Eis-nos no Calvário. Dirijamo-nos a são Dimas e perguntemos-lhe: Como descobristes, em vosso companheiro de suplício, o vosso Deus e o vosso rei? Que sinal de divindade, que prova de realeza vistes nesse condenado, escárnio dos sábios e opróbrio do povo? Onde está o seu trono? Onde está a sua corte? Onde está o seu manto real? Onde estão os seus ministros? Onde estão os seus exércitos?

Seu trono? Essa cruz que o martiriza. Sua corte? Esses bandoleiros pendurados a seu lado, essa vil canalha que o insulta. Seu manto real? Esse miserável pano que mal cobre as partes mais delicadas de seu corpo. Seus ministros? Os carrascos que, depois de o terem crucificado, o olham com indiferença nas angústias de sua agonia. Seus exércitos? Os medrosos discípulos que, logo no começo de suas perseguições, o abandonaram covardemente.

Se nada, absolutamente nada em Jesus crucificado manifesta um rei, talvez algo revele um Deus, e a fé de Dimas não terá sido superior à dos Patriarcas ou dos Profetas.

> *Abraão creu em Deus — responde são João Crisóstomo; mas o próprio Deus lhe falara do alto do céu, ou lhe enviara os seus anjos em embaixada: com a própria boca lhe ditara a sua vontade. Moisés creu em Deus; mas o vira na sarça ardente, falando-lhe do meio das chamas, e mais tarde ao som das trombetas e dos trovões.*

> *Isaías e Ezequiel creram em Deus; mas o primeiro o vira sentado em seu trono sublime, cercado de glória; o segundo, levado sobre as asas dos querubins. Todos os outros profetas creram em Deus; mas todos o tinham visto, embora de maneira diferente, no esplendor de sua majestade, tanto quanto a natureza humana é capaz. Isso se diz, não para tirar nada da fé desses santos personagens, mas para mostrar a superioridade da do bom Ladrão.*[2]

É verdade que ele também viu o Senhor: mas em que lugar e em que tempo?

> *Na ignomínia da cruz, in ignominia — continua o santo Doutor. Viu-o não sentado num trono majestoso, cercado das poderosas legiões da milícia celeste. Mas viu-o na cruz, e só ali o viu. Que quer dizer: Viu-o na cruz? Quer dizer que o viu num trono de escárnio, mil vezes mais capaz de esconder a sua divindade do que de revelá-la. Quer dizer que, em lugar de querubins, só tinha por cortejo visível dois grandes ladrões. Quer dizer que, em vez de adorações, só recebia insultos e blasfêmias. Numa palavra, viu-o na cruz, e só ali o viu: isso diz tudo.*[3]

Se ao menos, enquanto Jesus estava suspenso no patíbulo, Dimas tivesse ouvido sair de sua boca alguma dessas palavras onipotentes que convêm a um Deus; se o tivesse ouvido pronunciar contra os culpados a terrível sentença que revela o soberano juiz dos vivos e dos mortos: mas não. Viu-o no tempo em que todas as potências das trevas, desencadeadas contra ele, faziam dele o que queriam. Em vez de ouvi-lo fulminar sentenças, ouve-o, advogado de seus próprios carrascos, pedir graça para eles.

Tais são as duas circunstâncias de tempo e de lugar em que o bom Ladrão viu Nosso Senhor. Ora, essas duas circunstâncias eram, aos olhos da razão, tudo o que havia de mais capaz de reter Dimas, como o seu obstinado cúmplice, nas trevas do erro e de fazê-lo cair nas trevas do inferno. Pois bem! é em meio a tais circunstâncias que o bom Ladrão, por um ato de fé heroica, reconhece Jesus por seu Deus; que o proclama tal e que se recomenda a ele, quando tiver entrado em seu reino!

> *Como! — exclama-lhe são Crisóstomo. Vós o vedes crucificado e o proclamais rei? Vós o vedes pendurado num patíbulo e falais de um reino nos céus? Crucifixum vides, et regem prædicas? In ligno pendere cernis, et cælorum regna meditaris?*[4]

Seja pela vivacidade, seja pela presteza, seja pela força, poremos em paralelo a fé do bom Ladrão com a dos apóstolos? *«E nós temos crido, e conhecido que tu és o Christo Filho de Deos»*, diziam os discípulos a seu Mestre.[5] Quando a sua fé se exprimia com essa vivacidade? Depois de ter visto os milagres inumeráveis operados por Jesus e de ter recebido dele o poder de os operar. E de que milagres não os tornara testemunhas?

Tinham-no visto, Mestre soberano do mundo visível e do mundo invisível, mandar nos elementos e nas potências espirituais do ar. Tinham-no visto mudar a água em vinho, alimentar cinco mil homens com cinco pães e dois peixinhos, curar os leprosos, devolver o movimento aos paralíticos, a vista aos cegos, o ouvido aos surdos, a palavra aos mudos, a vida aos mortos, expulsar os demônios. Tinham-no visto no Tabor, descobrindo a seus olhos o esplendor de sua glória, e o céu e a terra prestando testemunho à sua divindade. O céu, pela voz do Pai que dizia:

> *Este he aquelle meu querido Filho, em quem tenho posto toda a minha complacencia: ouvi-o.*

A terra, pela presença de Moisés e de Elias, vindos para declarar que ele era o fim da lei e dos profetas, a expectativa das nações e o salvador da humanidade.

É de espantar que esses milagres e cem outros, renovados durante três anos sob os olhos dos apóstolos, tenham dado à sua fé a vivacidade do fogo? Examinemos contudo se foi tão viva quanto a do bom Ladrão. Nosso Senhor não parece resolver a questão quando diz a são Tomé: *«Tu creste, Thomé, porque me viste: bem-aventurados os que não virão, e crêrão»*?[6]

Os apóstolos tinham visto, e tinham crido; Dimas nada vira, e cria. Onde o olhar da fé deve ser mais vivo e mais penetrante? Para reconhecer como Deus aquele que faz as obras de Deus, ou para reconhecer como Deus aquele que não faz nenhuma? Que obra de Deus o bom Ladrão vira Nosso Senhor fazer? Que via em sua pessoa? O homem mais desprezado de Jerusalém, um malfeitor condenado à morte pelo senado de sua nação. Que prodígio viera abrir-lhe os olhos,

mudar-lhe a opinião e iluminar-lhe a fé? Nenhum.

Desde que Jesus de Nazaré se tornara seu companheiro de suplício, desde a partida do Pretório de Pilatos até o Calvário, que morto ressuscitara? Que doente curara? Que possesso libertara? Que sinal revelador dera da divindade escondida sob o envoltório sangrento de sua humanidade? Nenhum. Apesar desses véus espessos, a fé penetrante de Dimas descobre em Jesus o Deus do céu e da terra, o Criador e o Redentor do mundo. Crê, adora, proclama a sua fé com uma força viril que nada pode abalar.[7]

Se, sob o aspecto da vivacidade, a fé do bom Ladrão sustenta com vantagem a comparação com a dos apóstolos, ela é, sob o aspecto da força, de uma superioridade incontestável. Do Calvário desçamos ao jardim das Oliveiras. Jesus vai ser preso. Os apóstolos o rodeiam. Qual deles ousa manifestar a sua fé e dizer à criadagem sacrílega: Que ides fazer? Nosso mestre é o Filho de Deus! Nem uma palavra de fé; mas a fuga dos medrosos e dos covardes: *«desamparando-o os seus discípulos, fugirão todos»*. Fogem, escondem-se, desaparecem tão bem que, durante toda a Paixão, ninguém sabe o que foi feito deles. Se Pedro se mostra, é para renegar o seu mestre. João, e João sozinho, aparece no Calvário: mas não diz uma palavra para proclamar a divindade de seu adorável Mestre. O único apóstolo, o único evangelista do Calvário é o bom Ladrão.

> *Perguntais — diz são Crisóstomo — o que fez para merecer o Paraíso! Vou dizer-vo-lo: quando Pedro renegava seu mestre na terra, o Ladrão o confessava na cruz. O Príncipe dos apóstolos não pode sustentar as ameaças de uma vil serva, e o Ladrão suspenso no patíbulo, cercado de todo um povo de blasfemadores, proclama a divindade do Senhor, reconhece-o por Rei do céu e lhe pede sem hesitar uma lembrança, quando tomar posse de seu reino.*[8]

Santo Agostinho fala como são Crisóstomo.

> *Que fizera, pois, de tão grande o Ladrão para subir, da cruz que merecera, até o Paraíso? Quereis que vos diga em poucas palavras o poder de sua fé? Enquanto Pedro negava embaixo, ele confessava no alto. Digo-o não para acusar o bem-aventurado Pedro, Deus me guarde; mas para mostrar a magnanimidade do Ladrão. O discípulo não pôde sustentar as ameaças de uma abjeta menina. O ladrão está cercado de uma multidão que vocifera, que lança blasfêmias, ultrajes e maldições: não se comove.*

> *Não se detém na abjeção visível de seu companheiro de suplício; mas com o olho da fé penetra além de todas essas coisas e as despreza, como vãs nuvens que escondem a verdade, e diz: Lembrai-vos de mim, Senhor, em vosso reino...*

> *Os que tinham visto o Senhor ressuscitar os mortos vacilaram; o Ladrão creu nele quando estava suspenso na cruz. A tal fé, não sei o que se pode acrescentar: em verdade, nunca o Senhor achou tal fé em Israel, nem no mundo inteiro.*[9]

O bispo Eusébio conclui dizendo:

> *É, pois, muito maior, muito mais glorioso para o Ladrão ter reconhecido o Senhor num homem moribundo do último suplício do que se tivesse crido nele quando operava milagres. Assim, não é sem razão que mereceu tão magnífica recompensa.*[10]

Doravante, será de espantar o concerto de louvores de que todos os séculos cercaram o bom Ladrão? Depois da Santíssima Virgem, de são Pedro e de são Paulo, nenhum santo, cremos, foi tão exaltado pelos Padres e pelos Doutores da Igreja. Far-se-ia um livro de seus elogios.[11]

Notas

[1] *Primum Ecclesiæ ornamentum fides est, quæ in toto virtutum exercitu prima est, omnesque aliæ virtutes eam sequuntur, et sine ipsa cœlestis regni palatium non ingrediuntur.* («O primeiro ornamento da Igreja é a fé, que em todo o exército das virtudes é a primeira, e todas as outras virtudes a seguem e, sem ela, não entram no palácio do reino celeste.») S. Bruno, *De ornament. Eccles.*, cap. I.

[2] *Credidit Abraham Deo, sed credidit illi de cœlo loquenti, et per sanctos angelos sermonem proferenti, et propria authoritate legem danti. Credidit Moyses, sed de medio ignis loquenti, et in tubæ clangore, et in tonitru, quæ et infidelem poterant provocare. Credidit Isaias, sed in gloria consistenti. Credidit Ezechiel, sed et ipse Dominum super cherubim contemplatus est. Crediderunt reliqui prophetæ, sed diverso modo Dominum gloriæ intuentes, sicut videre possibile erat humanæ naturæ. Hæc autem dico, non ut derogem sanctis, absit; sed propter eum, qui solus per verbum meruit paradisum.* («Abraão creu em Deus, mas creu nele quando falava do céu, e por meio dos santos anjos proferia a palavra e dava a lei com autoridade própria. Moisés creu, mas quando falava do meio do fogo, e ao clangor da trombeta e entre trovões, coisas que podiam mover até o infiel. Isaías creu, mas vendo-o na glória. Ezequiel creu, mas também ele contemplou o Senhor sobre os querubins. Os demais profetas creram, mas vendo o Senhor da glória de modos diversos, como era possível à natureza humana ver. Digo isto, porém, não para depreciar os santos, longe disso; mas por causa daquele que, só pela palavra, mereceu o paraíso.») *De Cruce et Latr.*, em Orília, p. 146.

[3] *De cæco nato*, *Opp.*, t. VIII, p. 697. («Sobre o cego de nascença.»)

[4] Ibid.

[5] Jo 6, 70.

[6] Jo 20, 29. *Beatus es, Thoma, qui me tetigisti, ideoque credidisti... verum magis beati qui me non viderunt nec tetigerunt, et tamen in me crediderunt, quia ibi fides majus habet meritum, ubi humana ratio non præbet experimentum, ait S. Gregor.* («Bem-aventurado és, Tomé, que me tocaste e por isso creste... mas mais bem-aventurados os que não me viram nem tocaram, e contudo creram em mim, porque ali a fé tem maior mérito onde a razão humana não oferece experiência, diz S. Gregório.») Cornélio a Lápide, neste lugar.

[7] *Nullum miraculum ostendit, non mortuum suscitatum, non dæmonem expulsum, non mare obediens, non denique aliquid aut de regno cœlorum ei loquitur, aut de Gehenna comminatus est, et prior omnium latro confessus est eum.* («Não mostrou milagre algum, nem morto ressuscitado, nem demônio expulso, nem mar obediente; enfim, nem lhe fala de coisa alguma do reino dos céus, nem o ameaçou com a geena, e o primeiro de todos o ladrão o confessou.») S. Agostinho, Serm. CLV, *De Temp.*, em apêndice, *Opp.*, t. V, p. alter., p. 2757.

[8] *Sed dicet aliquis: Unde tanta beatitudo latroni? Quid egit tale ut post mortem Paradisum mereretur? Vis ejus citius audire virtutem? Quando eum Petrus negabat in terra, Latro confitebatur in cruce. Primus discipulus puellæ vilissimæ minas non potuit tolerare, et Latro suspensus undique populum circumstantem respiciens, oculis fidei cœlorum Dominum pura mente cognovit dicens: Memento mei, Domine, dum veneris in regnum tuum.* («Mas dirá alguém: de onde tanta bem-aventurança ao ladrão? Que fez de tal para merecer o Paraíso depois da morte? Queres ouvir mais depressa a sua virtude? Quando Pedro o negava na terra, o Ladrão o confessava na cruz. O primeiro discípulo não pôde tolerar as ameaças de uma vilíssima menina, e o Ladrão suspenso, olhando o povo que o cercava por todos os lados, com os olhos da fé conheceu com mente pura o Senhor dos céus, dizendo: Lembra-te de mim, Senhor, quando vieres ao teu reino.») Homil. *De Cruce et Latr.*

[9] *Huic fidei quid addi possit ignoro... vere non invenit Christus tantam fidem in Israel, imo nec in toto mundo.* («A esta fé, que se possa acrescentar, ignoro... em verdade Cristo não achou tamanha fé em Israel, nem mesmo em todo o mundo.») Serm. XLIV, *De tempore*, e Serm. CLV, em apêndice, n.º 6, *Opp.*, t. V, p. alter., p. 2756; id. *Enarr.*, *in ps.* 68, n.º 8; id. Serm. *de fer.* 3 *Paschat.*; e liv. I, *De anima*, cap. IX.

[10] *Laudabilius hoc itaque in latrone, ac magnificentius fuit, quod hominem inter extrema supplicia deficientem, Dominum credidit, quam si inter virtutum opera credidisset; non itaque sine causa tantum meruit.* («Mais louvável, pois, e mais magnífico foi isto no ladrão: que tenha crido Senhor um homem que desfalecia entre os extremos suplícios do que se tivesse crido entre obras de virtudes; não é, portanto, sem causa que tanto mereceu.») Eusébio Galicano, Homil. *de S. Latrone*, *Bibl. Max. PP.*, t. VI, 644.

[11] Ver T. Raynaud, Orília, etc.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:06 by Admin

Updated 25 November 2026 00:40:06 by Admin